

## Polifonia e polirritmia vocal: a glossolalia na constituição subjetiva

Maurício Eugênio Maliska<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

mmaliska@yahoo.com.br

**Resumo.** *A glossolalia é comumente estudada num escopo cultural fortemente marcado pelo cunho místico-religioso. Neste texto, tentaremos tomar a glossolalia não como um fenômeno de cunho religioso ou cultural, mas como uma manifestação vocal, demonstrando a sua polifonia e polirritmia presente em cada vocalização. Trata-se de entendê-la como um fenômeno vocal constituinte da subjetividade, na medida em que ela é uma manifestação da própria voz, enquanto articulação entre som e ritmo. Em outras palavras, a voz é glossolálica; o sujeito, no seu balbucio vocal, emana uma enunciação sem enunciado, vocaliza na sua fala algo que não é discurso, algo que não está atrelado ao sentido e sim ao puro som e ritmo, elementos esses que são centrais na glossolalia da voz. A glossolalia é a quebra do sentido para a emergência da voz enquanto corpo, ou melhor, um pedaço de corpo que dele se desprende para ganhar o não sentido do som. A aposta fundamental é que a glossolalia é um fenômeno vocal que todo sujeito experimenta na constituição subjetiva e, ao mesmo tempo, sente essa polifonia e polirritmia vocal em cada vocalize que se desprende de sua boca.*

**Abstract.** *Glossolalia is usually studied within a cultural scope, strongly marked by the mystical-religious characteristic. In this text we will try to view glossolalia not as religious or cultural aspect, but as a vocal manifestation, demonstrating its polyphony and polyrhythm present in each vocalization. It is about comprehending it as a vocal phenomenon constituent of subjectivity, while it is a manifestation of the actual voice, as an articulation between sound and rhythm. In other words, the voice is glossolalic; the subject, in his vocal utterance, emanates an enunciation without statement, vocalizes something in his speech with is not connected to meaning but to pure sound and rhythm, element that are central in the glossolalia of the voice. The glossolalia is the breaking of meaning for the emergence of the voice while body, or better yet, a piece of body from which it lets go to receive not meaning but sound. The fundamental bet is that glossolalia is a vocal phenomenon that every subject experiments in the subjective constitution and at the same time feels this vocal polyphony and polyrhythm in each vocalization that comes out of his mouth.*

**Palavras-chave:** glossolalia; voz; polifonia; polirritmia; constituição subjetiva

## 1. A glossolalia na constituição subjetiva

De acordo com Michel de Certeau (1980), em seu fabuloso artigo intitulado *Utopies Vocales: glossolalies*, a glossolalia é o ato de falar em línguas. É forjar uma língua como se ela fosse nova, ao ponto mesmo de não conseguirmos distingui-la de uma língua que nos é desconhecida. A glossolalia, em certos aspectos, se parece com uma língua, mas não possui uma estrutura gramatical e semântica que a sustente enquanto tal. No entanto, há uma série de neologismos assim como um ritmo vocal que dá fluência e cadência para as vocalizações que fazem com que ela tenha a aparência de uma língua sem sê-la.

Tradicionalmente, a glossolalia é objeto de estudos antropológicos e sociológicos que tentam descrevê-la como um fenômeno no interior de comunidades que a cultivam. Em geral, ela está associada aos cultos religiosos oriundos das diásporas negra da África e da indígena sul-americana. Este fenômeno parece despertar ainda mais o interesse de estudiosos dessas áreas pelo fascínio que essa “língua” provoca. Afinal, trata-se de uma “língua” que não possui uma significação ou sentido, mas, fundamentalmente, um conjunto de sons articulados dentro de um ritmo e cadência capaz de provocar nos seus praticantes transe de diversas ordens. O fascínio, neste caso, nos parece muito mais ligado ao efeito de transe e sideração que faz com que os sujeitos se entreguem a sonoridade e a musicalidade dessa “língua” de uma forma a serem conduzidos por ela. Enquanto “língua”, a glossolalia não possui aspectos essenciais para tal, ou seja, não há uma semântica, não há uma sintaxe, nem mesmo uma morfologia, apenas um conjunto sonoro, vocalizado dentro de um ritmo cadenciado que conduz os sujeitos a um completo transe. Diante dessa primeira aproximação com o nosso tema, nos deparamos com algumas questões: A glossolalia é, de fato, uma língua? Qual é o seu sentido ou significação? O que ela transmite? Onde reside o seu poder de invocação e sideração?

No culto sagrado das religiões cristãs, em especial do catolicismo, a palavra de Deus, enquanto significante, é valorizada por trazer um sentido para a vida dos fiéis. A transmissão da mensagem divina se faz através dos signos de uma língua, através dos significantes que portam um sentido espiritual para a vida daqueles que crêem. A importância da glossolalia nas religiões descendentes dos cultos africanos e indígenas não se faz por esta via do significante, tal como no catolicismo. A glossolalia não veicula a palavra, esta que se situa do lado simbólico da língua; mas, veicula a voz, enquanto manifestação sonora desvinculada do sentido e atrelada ao ritmo e à musicalidade. Enquanto a religião católica transmite a palavra de Deus através do significante divino e de seus efeitos de sentido no próprio discurso cristão, as religiões que praticam a glossolalia transmitem um saber pela própria invocação presente na voz, no ritmo e na musicalidade desse dizer. A transmissão, na glossolalia, não é o efeito produzido pelo sentido da língua, mas o efeito de sem sentido produzido por uma não língua. Na glossolalia importa mais a voz do que a fala, importa mais o som do dizer do que o próprio dizer. Ela não veicula palavras, mas voz e ritmo.

Para Michel de Certeau (1980, p.26, tradução nossa) o glossolálico: ‘Fala ‘para nada dizer’, precisamente para não ser enganado pelas palavras, para escapar das armadilhas do sentido, para ser uma pura fábula (*fari*, falar) e reencontrar em sua

antecedência um dizer primeiro.”<sup>1</sup> O sujeito que glossa, fala para nada dizer na medida em que sabe que a ordem das palavras é a ordem do engano. Ele “prefere” falar em línguas para explorar o som e o ritmo, enquanto possibilidade de transmissão, “prefere” a articulação primeira do dizer, enquanto pura sonoridade, a ser enganado pelas artimanhas do sentido. A articulação é puramente sonora, entre som e ritmo, e não aquela já estabelecida desde Saussure (1984), passando por Jacokson (1977), entre som e sentido. De Certeau (1980, p.26, tradução nossa) ainda complementa, a glossolalia é: “[...] uma ficção de discurso que orquestra o ato de dizer, mas não enuncia nada; é também uma arte de dizer no tapume de uma aparência.”<sup>2</sup>

A glossolalia é polifônica por produzir vocalizações que demonstram uma diversidade sonora; também é polirrítmica, por produzir ritmos cadenciados em suas vocalizações, não se tratando, portanto, nem de um único som, tão pouco de um único ritmo. Em outras palavras, trata-se de polifonia e polirritmia porque é em muitos sons e ritmos que a glossolalia se manifesta como fenômeno vocal. O saber que é transmitido não pode ser decodificado em uma língua, pois não é da ordem do significante, mas transmite algo da invocação que se passa pelo desejo do Outro. Este é um desejo transmitido no som e ritmo, na ausência de toda e qualquer possibilidade de sentido.

Interessa-nos discutir a glossolalia, não como um fenômeno religioso ligado a determinados ritos culturais, mas discuti-la no interior da constituição subjetiva, imitando o próprio movimento de Certeau (1980), que tenta arrastar esse tema para o campo cotidiano das vocalizações, tirando-o do terreno já consagrado dos cultos místicos para mostrar o quanto há de “glossolálico” na própria fala. Nesse sentido, para Michel de Certeau (1980, p.28, tradução nossa): “O que a utopia é para o espaço social, a glossolalia é para a comunicação oral, circunscrevendo-a num simulacro lingüístico. Tudo o que a voz realiza de diferente que não a língua quando ela a fala”<sup>3</sup>.

A fala é cerceada por uma série de sons ritmados sem nenhuma função significante, mas que fazem parte do som da língua na medida em que atuam como pura fonação e promovem toda espécie de barulhos, suspiros, risos, sopros, que fazem da língua e do falar uma utopia. “Os barulhos paralelos que povoam as conversas do dia-a-dia representam uma **tatuagem interlocutória e vocal** sobre o discurso.”<sup>4</sup> (CERTEAU, 1980, p. 28, tradução e grifo nosso). Da mesma forma, a comunicação é utópica, se pensarmos em sua falácia como possibilidade de haver um emissor, um receptor, uma mensagem, um canal, etc. O que se comunica é da ordem de uma utopia, pois o “[...] emissor recebe [escuta] do receptor sua própria mensagem sob forma invertida [...]”

---

<sup>1</sup> “Il parle ‘pour ne rien dire’, précisément pour ne pas être trompé par les mots, pour échapper aux pièges du sens, pour être une pure fable (fari, parler) et rejoindre en son antécédence un dire premier.” (Texto original).

<sup>2</sup> “[...] une fiction de discours orchestre l’acte de dire mais n’annonce rien; c’est aussi un art de dire dans l’enclos d’un semblant.” (Texto original).

<sup>3</sup> “Ce que l’utopie est à l’espace social, la glossolalie l’est à la communication orale, en circonscrivant dans un simulacre linguistique tout ce que la voix réalise d’autre que la langue lorsqu’elle la parle.” (Texto original).

<sup>4</sup> “Les bruits parallèles qui peuplent les conversations ordinaires représentent un tatouage interlocutoire et vocal sur le discours.” (Texto original).

(LACAN, 1998, p.299). Bem sabemos que o que se transmite não é transmitido através da mensagem ou da comunicação, mas através do desejo e este não está do lado do sentido, mas do lado da falta. A transmissão não se passa pelo dizer, em palavras, mas pelo que se transmite do desejo através dos vocalises rítmicos que o corpo produz. Isto é da ordem do inconsciente, da ordem pulsional do corpo que atravessa o sentido para encontrar o sujeito na encruzilhada entre o gozo e o desejo.

A língua é uma utopia, pois as glossolalias transmitem algo de um saber que se sabe através dos sons da língua e não dos sentidos que esses sons possam veicular. O que se perfila é um jogo de forças em que a potência se mostra não por aquilo que se pode comunicar, mas por aquilo que se pode transmitir para além do sentido, que toca na voz como portadora dessa transmissão.

A expressão “Tatuagem vocal”, de Michel de Certeau, nos parece muito rica e precisa, pois ela porta uma idéia da marca, da inscrição no corpo de um traço que não é visual, tão pouco plástico, mas sonoro e vocal. Trata-se de algo que porta a singularidade, tal como uma punção que faz uma marca particular e própria que caracteriza determinado sujeito. Porém, esta tatuagem é sonora, da ordem vocal, e não expressa um significado, tal como, em geral o fazem, as tatuagens pictóricas. O que é veiculado na tatuagem vocal é uma voz, um som que marca o corpo do sujeito, algo que não é da ordem do sentido, mas do real do corpo pulsional. Isso não tem uma relação direta com a língua, enquanto sistema de signos, ou com a significação, mas com algo do real do som e do corpo.

Etimologicamente, a palavra glossolalia advém de glosso= língua, e lalia= repetição, lalação, ou seja, repetição da língua (ou de línguas). Esta língua, como já foi salientada, não é o idioma, mas uma “língua” composta de neologismos, cujos vocábulos inarticulados entre si não portam valor de significação, mas pura sonoridade. Lacan (1998) aborda a questão da glossolalia no texto *Formulações sobre a causalidade psíquica*, publicado nos *Escritos*. Através de um livro chamado *Palabras sin memoria* do seu amigo Michel Leiris, a quem atribuía um melhor domínio nas brincadeiras glossolálicas, desenvolve importantes noções quanto ao aspecto real da experiência psíquica presente nas glossolalias. Lacan entende as “palavras sem memórias” como desprovidas de etimologia, pois a etimologia é universal e suprime a singularidade de cada palavra no ato de dizer. As glossolalias são palavras sem memórias, pois elas não possuem vinculação alguma seja com a etimologia, com a semântica ou com a raiz. São sem memória porque elas não possuem passado, não cumprem com o destino de toda língua que, de acordo com Saussure (2002), é de ser um passado que se atualiza em cada ato de fala. Na glossolalia, importa o ato de dizer — a enunciação — que se anuncia singularmente a cada instante, e não o que é dito, até porque o dito, em geral, na glossolalia, não comunica nada. Tal como expressa De Certeau (1980, p.28, tradução nossa): “O ato aqui importa mais que o conteúdo. Ele tem, portanto, sentido no momento em que se desfaz a significação dos enunciados.”<sup>5</sup> Deste modo, a glossolalia não tem nada a ver com a Lingüística, enquanto disciplina que estuda a linguagem, esta última entendida como um sistema simbólico de significações. O que está presente na

---

<sup>5</sup> “L’acte ici importe plus que le contenu. Il a donc sens au moment où se défait la signification des énoncés.” (Texto original).

glossolalia não é aquilo que foi demonstrado por Jakobson (1977) em seu livro: *Seis lições sobre o som e o sentido* que articula, como o título prevê, o som e o sentido; nem mesmo aquilo demonstrado por Saussure (2002) em seus cursos, que articula o significante e o significado, ou a imagem acústica e o conceito; mas uma articulação do som e do ritmo. Tal articulação provoca um sem sentido, no qual o que está em jogo é o gozo com o som das palavras, o quanto elas podem ser desdobradas nas suas polifonias e polirritmias. Foi isso que levou Lacan a falar da ficção e do canto da fala e da linguagem, e não mais da função e do campo da fala e da linguagem como foi o título de seu célebre artigo também publicado nos *Escritos*.

Foi por esta via que Lacan (1998) formulou um dos seus mais conhecidos aforismos: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”. No entanto, por vezes, é ainda mal compreendido acerca do que seja essa linguagem, pois ele não estava falando da estrutura da linguagem enquanto esse sistema de signos, mas que o inconsciente é estruturado como **uma** linguagem (específica). Esse artigo indefinido, “uma”, faz toda a diferença, pois se trata de uma linguagem especial, que nada tem a ver com a linguagem, enquanto idioma, mas tem a ver com *alíngua* (*lalangue*) — que é escrita sem espaços para marcar a diferença dessa outra “língua”, uma língua muito particular, em que não há tradução, por não haver compartilhamento de vocábulos e palavras, por esses serem completamente singulares. Trata-se de uma língua singular, aquela que é inscrita no sujeito, ao modo de uma “tatuagem vocal”, e que deixa uma marca no sujeito ao mesmo tempo em que o marca, que o inscreve e o convoca como sujeito. É uma pura lalação, uma glossolalia, sem predicado, a voz da mãe que faz eco no sujeito ou o canto materno que tem o poder de inscrever algo no sujeito, não por aquilo que ele veicula em termos de significantes, mas o que ele veicula enquanto chamado, enquanto invocação e desejo. A ordem da *alíngua*, ou se quiserem, *lalangue*, não é também o sonoro ou o som, mas o que desse puro som há enquanto invocação, enquanto voz que procede a um chamado, algo capaz de despertar o sujeito, algo capaz de colocá-lo em movimento.

As articulações da *lalangue* começaram a ser feitas a partir de 1972, momento em que Lacan comete um ato falho ao tentar se referir ao dicionário *Lalande*, fala: *lalangue*. A partir de então, começa a traçar este conceito para definir o que ele quer dizer acerca da estrutura do inconsciente definida como uma linguagem. Esta linguagem totalmente particular e singular, na qual não há tradução, é uma espécie de glossolalia, em que o que está em jogo é o som turbulento da linguagem e não seus significantes. Esta estrutura do inconsciente é totalmente diferente daquela outra estrutura, não do inconsciente, mas da língua definida por Saussure (2002). A estrutura saussureana da língua é um princípio universal. Aí reside uma das genialidades de Saussure, pois ele conseguiu transformar a gramática comparativa — método lingüístico amplamente utilizado em sua época, e da qual foi discípulo — numa Lingüística universal, em que todo sistema de língua ou linguagem estaria submetido a este princípio. No entanto, o que Lacan diz da *lalangue* foge a este princípio pelo simples fato de não ser a *lalangue* uma língua. Esta *lalangue dite maternelle* não é o idioma materno. Isso demonstra que há estruturas homólogas entre inconsciente e linguagem e não uma identidade de essência entre eles.

Essa lalação oriunda da mãe é glossolálica. É dessa forma glossolálica que o sujeito é invocado, pois a invocação não se dá pelo sentido ou pelo significado da fala

da mãe, mas sim por aquilo que ela transmite de seu desejo através dos vocalises que emite. A glossolalia na invocação não tem a ver com a semântica ou sintaxe da língua (idioma) da mãe, mas o quanto ela coloca o ser como objeto de seu desejo e o quanto invoca este objeto a tornar-se sujeito através da invocação. A mãe não invoca falando através de uma língua — português, inglês, italiano ou qualquer outra — mas invoca e transmite algo de seu desejo falando em línguas, glossando, falando em *lalangue*, esta “língua” singular que irá constituir o sujeito. No inconsciente, o Outro do qual ele é seu discurso fala no sujeito. Apesar dele, o sujeito fala tangenciado pelo Outro e essa fala não é da língua (idioma), mas de uma língua específica: *lalangue*. É de um estatuto que não há padrão lingüístico comparável, não há modelo, pois se trata de um real impossível de ser, de todo, dito. Um real que a invocação irá simbolizar para ser, em partes, dito. Trata-se de um vocalise que coloca o sujeito na ordem simbólica. A ordem simbólica não é dada pelas leis gramaticais da língua, mas pela agramaticalidade do inconsciente, cujo desejo coloca limite no gozo vocal e invoca o sujeito pela *lalangue* a assumir a sua posição de sujeito barrado no seu gozo, invocado a ser sujeito, a fazer do desejo e do discurso do Outro seu próprio ser.

A glossolalia vem a ser uma manifestação vocal, um dizer para nada comunicar, uma enunciação sem enunciado, que está fora do padrão lingüístico; mas que, ao mesmo tempo, permite que uma língua seja falada. A glossolalia não é uma língua, mas é uma condição para que haja línguas. Ela é a riqueza do dizer pelo simples dizer, é o ato enunciativo que não traz um enunciado nem performativo, nem constativo, é uma pura enunciação. A tentação é a de buscar um sentido na glossolalia, buscar um “querer dizer alguma coisa”, como se a glossolalia tivesse um sentido escondido em alguma parte ainda não descoberta, mas que obrigatoriamente haveria um querer dizer algo. O que está em jogo nessa insistência pelo sentido é a nossa recusa da castração, recusa em se deparar com o sem sentido. Para Michel de Certeau (1980, p.30, tradução nossa) a história da glossolalia é uma tentativa de “[...] conduzir esta delinquência vocal a uma ordem de significados.”<sup>6</sup> Há uma tentativa de encontrar um sentido ou uma forma de interpretação, de exegese, ou ainda, uma hermenêutica, seja ela psiquiátrica, religiosa, pedagógica, filosófica ou outra qualquer que venha aplacar essa vacuidade de sentidos gerada pela glossolalia.

Pode-se constatar ainda que a glossolalia é de fundamental importância para a existência das línguas:

Este fenômeno particular tem, aliás, ambição universal. Excluindo todas as línguas efetivas, ele é o dizer de cada língua, ou sem o qual nenhuma língua é falada. Ele tem valor metalingüístico em relação à enunciação. Ele isola o dizer de todo dizer. Neste espaço teórico de tipo vocal, o dizer pode se dizer ele mesmo.<sup>7</sup> (CERTEAU, 1980, p.29, tradução nossa).

A glossolalia também pode ser entendida como uma pré-linguagem, uma espécie de balbúcio que posteriormente se manifesta no sujeito como um resto vocal daquilo

---

<sup>6</sup> “[...] ramener cette délinquance vocale à un ordre de signifiés.” (Texto original).

<sup>7</sup> “Ce phénomène particulier a d’ailleurs ambition universelle. En excluant toutes les langues effectives, il est le dire de chaque langue, ou ce sans quoi aucune langue n’est parlée. Il a valeur métalinguistique, mais par rapport à l’énonciation. Il isole le dire de tout dire. Dans cet espace théorique de type vocal, le dire peut se dire lui-même.” (Texto original).

que permaneceu nele desse momento mítico que antecede a linguagem. Um resto que retorna na voz, não como um resquício, mas como aquilo que caracteriza a própria voz, o resto como aquilo que permanece. Tal como De Certeau (1980, p.30, tradução nossa) supõe:

Em cada glossolalia se combinam alhures alguma coisa de pré-linguageiro, relativo a uma origem silenciosa ou ao “ataque” da fala, e alguma coisa de pós-linguageiro, feito de excessos, de transbordamento ou de dejetos de língua. Tudo como o mito, estas ficções arranjam em conjunto o antes e o depois do dizer para construir o artefato onde se joga.<sup>8</sup>

A glossolalia também é o que está no princípio, ela “[...] ‘repete’ as fonações infantis, quer dizer, os inícios do falar, mas em vista de instaurar um teatro para as operações lingüísticas a vir.”<sup>9</sup> (CERTEAU, 1980, p. 34, tradução nossa). O que nos diz De Certeau é que a glossolalia antecede a língua, e mais do que isso, ela vem a ser uma condição para as operações lingüísticas que se seguem. Ela é uma condição por justamente portar dois elementos essenciais para a fala que é a voz e o ritmo. A glossolalia traz algo da manifestação rudimentar no sujeito humano. Essa pré-condição para o falar está vinculada à relação da voz e do ritmo que se encadeiam, proporcionando assim um arcabouço para que as operações lingüísticas possam penetrar no sujeito em forma de língua previamente estabelecida e exercida por um grupo lingüístico. Michel de Certeau (1980, p.36, tradução nossa) enfatiza, neste aspecto, a função da Glossolalia como a de “[...] instituir um espaço de enunciação.”<sup>10</sup>

Esta “delinqüência vocal”, tal como a glossolalia é denominada por De Certeau, é um engano dos sentidos, pois tentamos encontrar sentido aí onde não há, assim como podemos esboçar algo de um “dom languageiro” onde há somente manifestação vocal e rítmica. Um falar que se subtrai ou trai a própria fala, para sobrar como resto, a voz e o ritmo. Na verdade, a glossolalia é uma espécie de reinscrição, pois todos nós somos glossolálicos, na medida em que há uma língua que fala no sujeito, apesar dele e que ele não a compreende. Essa *lalangue* que está no sujeito e fala nele é uma glossolalia. Uma língua que não é idioma, um dizer sem enunciado, uma fala que não comunica. É *alíngua* advinda da mãe como uma lalação que se instala e constitui o sujeito. A glossolalia também está presente na própria língua, na medida em que ela é esta “parte” da língua que é o puro som (sopro, suspiro, pausas, ronquidão, tosses, gaguejar), fora do sentido, fora das significações, fora da comunicação. O fenômeno da glossolalia é a tentativa de refazer algo de mítico na língua e na fala, esse mito que constituiu a humanidade e que também habita em cada sujeito. A glossolalia não é só um fenômeno social, cultural ou religioso, mas aquilo que está no centro da constituição subjetiva e que é vivenciado por cada um de nós. Neste sentido, somos glossolálicos por balbuciar ao falar, por trazer algo do puro som vocal ao tentarmos falar. Na própria fala, o sujeito se

---

<sup>8</sup> “*En chaque glossolalie se combinent d’ailleurs quelque chose de pré-langagier, relatif à une origine silencieuse ou à ‘l’attaque’ de la parole, et quelque chose de post-langagier, fait d’excès, de débordements ou de déchets de langue. Tout comme le mythe, ces fictions bricolent ensemble l’avant et l’après du dire pour construire l’artefact où il se joue.*” (Texto original).

<sup>9</sup> “[...] ‘répète’ les phonations enfantines, c’est-à-dire les commencements du parler, mais en vue d’instaurer un théâtre pour des opérations linguistiques à venir.” (Texto original).

<sup>10</sup> “[...] instituer un espace d’énonciation.” (Texto original).

depara com a sua glossolalia na medida em que balbucia, vocalisa, gagueja, murmura, ofega. A glossolalia é a arte do sem sentido, um dizer que se dá pela ausência de sentido, que promove um outro dizer, na “[...] invenção do espaço vocal, a glossolalia multiplica, de fato, as possibilidades do dizer.”<sup>11</sup> (CERTEAU, 1980, p. 37, tradução nossa). A glossolalia é a língua como um som incompreensível, que pode parecer uma determinada língua, mas que se trata da voz como o som do corpo colocado em ritmo na constituição subjetiva, perfazendo aquilo que estamos chamando de polifonia e polirritmia vocal.

## 2. Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. Utopies Vocales: glossolalies. **Revue Traverses: la voix, l'écoute**. Paris, n. 20, p. 26-37, nov.1980.

JAKOBSON, Roman. **Seis lições sobre o som e o sentido**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1984.

\_\_\_\_\_. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

---

<sup>11</sup> “[...] invention d'espace vocal, la glossolalie multiplie en effet les possibilités du dire.” (Texto original).